

## Editorial

**DOI: 10.5965/1984724616332016001**

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724616332016001>

Na dramática “alegoria da caverna”, Platão sugere que os objetos que enxergamos não passariam de simulacros da verdade, de sombras carregadas de falsidade. Márcio Seligmann-Silva (2013, p. 22) sustenta que a passagem em que o filósofo identifica as sombras (skias), como o estágio mais distante da verdade, implicou diretamente na teoria das artes como mimesis, na qual reserva à imagem o lugar da cópia da cópia, um simulacro, uma ilusão mimética. Assim, para Platão, e para a longa tradição que o sucedeu, até Nietzsche, a arte não passaria de mera cópia da cópia, de reflexo tosco e débil de uma realidade já falsa. Produtora de hierarquias poderosas, a elaboração platônica estabeleceu que o mundo sensível seria uma cópia das ideias e qualquer tentativa de produção artística, ao nível sublunar, seria o sintoma de que viveríamos efetivamente sob o domínio das eikasias (imagens), submetidos, portanto ao erro, ao falso, à ilusão. Assim, a cultura e suas produções seriam falsificações de um “real” que nos falta, o que na tradição de um marxismo mais vulgar tornou-se superestrutura, ideologia e, por isso, sem valor ou potência para compreender o “real”, já que sua analítica passaria pelas explicações estruturais fornecidas pelas análises da infraestrutura econômica e social.

Com os transcorrer do século XVIII e a emergência de um novo regime de verdade pautado pelo positivismo e pela urgência da comprovação, a ficção será violentamente apartada da noção de fato e seus registros merecerão ordens e regulações diametralmente opostas. Essa disjunção conceitual marcaria a constituição e legitimação da História como discurso científico que encontrou na famosa assertiva de Leopold Ranke, “conhecer o passado como ele realmente aconteceu”, sua marca genética,

transformando o domínio do ficcional no outro, do comprovável pela documentação, logo, do falso.

Nietzsche de alguma forma já havia antecipado o final do século XIX ao se debruçar sobre as ilusões e enganos da atividade cognitiva típica do historicismo e do positivismo. Para o filósofo, nada está dado como real, a não ser o mundo dos desejos e paixões, já que não haveria realidade fora de nossos impulsos, pois pensar é apenas uma inter-relação desses impulsos (BRAIDA 1998, p. 18). Isso nos leva a constatar que as impressões sensoriais são completamente sem sentido quando tomadas em si mesmas. A experiência dos objetos, portanto, resulta numa luta dessas impressões com a linguagem que as ordena ou configura. Assim, “não há nenhum fato imediato, tanto ao nível das sensações como ao nível do pensamento. Um pensamento e uma sensação são sinais de alguma outra coisa” (BRAIDA 1998, p. 35). E essa coisa somente adquire um sentido na medida em que é interpretada, filtrada por um esquema organizador, por condições de normatização. Em outras palavras, a criação de um sentido, o ato de conhecer é uma atividade temporal; histórica, portanto. Desse modo, a afirmação de que não há fatos ou objetos dados implica em dizer que não existe nenhum *factum* em si.

Essas são algumas questões que sustentam o dossiê “Cultura visual e ensino”, novo número da Revista PerCursos, periódico editado quadrimestralmente em formato eletrônico pelo Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Inspirado tanto pela relevância das imagens nos embates (micro) políticos da atualidade, quanto pelos dilemas atrelados à presença/ausência de narrativas visuais no ensino escolar, o dossiê tinha como proposta inicial articular publicações dos dois campos enunciados no título, de forma que se tencionassem pesquisa e prática no trato das imagens. Muito embora a dimensão do ensino não tenha sido privilegiada nas propostas enviadas à revista, foi alcançado um corpo coerente e múltiplo de textos ocupados em debater a visualidade a partir de referências metodológicas e frentes temáticas diversas.

Algumas palavras merecem ser ditas, de qualquer maneira, sobre a articulação entre os dois campos de estudo proposta no presente dossiê. Um ponto de partida é a “condição” da imagem no interior da produção acadêmica. Um debate consistente sobre

a participação da imagem nas narrativas científicas tem emergido em algumas áreas do saber. A ampliação do discurso visual para além da condição de documento, rumo à construção de narrativas visuais que extrapolem a metafísica ocidental, representada nas ciências humanas pela pretensa objetividade do texto, é uma questão que tem se tornado central nos debates sobre a imagem. Assumir a imagem como meio e agente do conhecimento tem implicações que vão do questionamento radical da objetividade científica (e de suas intenções) até a reelaboração das formas de fruição dos produtos da academia, reverberando diretamente na escola e na sociedade como um todo. As motivações para tal são também variadas, e vão desde necessidades impostas pela mercantilização da ciência, passando pela crise das narrativas acadêmicas (pouco acessadas pelo público em geral), até desafios postos pelas novas gerações de “leitores”, profundamente marcadas pelo universo visual. A grande questão é: por que e como diluir a soberania do texto em prol do uso de outras linguagens, como a fotografia, o filme e o som?

A antropologia visual, mais do que qualquer outro campo das ciências humanas, tem enfrentado de fato os desafios e as implicações radicais de assumir a imagem como parte central de sua narrativa, incluindo um processo de re- contextualização da disciplina – da antropologia como um tipo de escrita para uma ciência justaposta com transformações ocorridas no campo das artes visuais e do cinema na virada do século (GRIMSHAW, 1997: 37). Tal deslocamento não representa apenas um câmbio interpretativo na história desta ciência, mas uma mudança de paradigma decisiva. Divide sua agenda entre a tradicional análise dos sistemas visuais em sua relação com o social e o político (a imagem como documento), e a linguagem visual como meio de disseminação do conhecimento antropológico (MORPHY, BANKS, 1999: 2).

É essencial que tenhamos em mente que não se trata apenas de uma expansão de procedimentos narrativos, mas também da incorporação da imagem e do som, polissêmicos por essência, como veículos que alteram profundamente o caráter da mensagem. Philippe-Alain Michaud, partindo das experiências de Aby Warburg com o Atlas Mnemosyne, propõe uma “história da arte em movimento, voltada para o cinema, como maneira mais pertinente de compreender a temporalidade das imagens. Michaud

parte do princípio de que o movimento é uma necessidade imposta pela própria imagem, e que deve ser expandida ao pesquisador. Ao movimentar-se, deslocando seu corpo e seu ponto de vista, encontrará aquilo que Walter Benjamin chamou de “inconsciente da visão” (BENJAMIN, 1985). Movimento que ajuda a desvendar a imagem – temporariamente, pois a função temporal da representação warburgiana seria o inacabamento – e, sobretudo, a renunciar as matrizes de inteligibilidade que marcam as narrativas históricas até os dias de hoje. Essa nova aparência do saber – uma espécie de saber-montagem, nas palavras de Didi-Huberman (in: MICHAUD, 2013: 21) – é tributária de uma aproximação direta com o cinema, discutida por Michaud a partir do diálogo que estabelece entre o trabalho de Warburg e o do cineasta russo Sergei Eisenstein. As cadeias de imagens do Atlas Mnemosyne, dispostas como ideogramas, produzem uma nova linguagem na história da arte muito semelhante à sintaxe eisensteiniana (MICHAUD, 2013: 326). É a inscrição das imagens numa sequência que as transforma, em ambos os casos, em “unidades expressivas” com sentidos móveis. Obviamente, tal concepção de história da arte apresenta dificuldades e fragilidades que precisam ser discutidas. Por ora, é importante reter a ideia de um saber-montagem que adquire sentido no intervalo entre imagens, deslocando leitor, pesquisador e documento continuamente, de forma a alcançar as profundezas do visual – o inconsciente ótico –, indisponíveis na estrutura de pensamento textual.

Este debate sobre o lugar das imagens nas narrativas acadêmicas – ou fora delas – tem sequência na densa entrevista concedida à PerCursos pelo professor Wenceslao Machado de Oliveira Junior. Nela, o professor da Unicamp lança mão de conceitos como “narrativas sensoriais” ou “desroteiros” com o objetivo de refletir sobre um modelo de conhecimento preocupado não apenas em conhecer as potencialidades das experiências já existentes, mas de “criar outras experiências com e através do processo de aproximação do mundo”. As “agências da imagem” aparecem aqui como estímulo e canal para uma profunda – e necessária – revolução nas “formas de contar” o conhecimento científico-acadêmico.

Essas “narrativas sensoriais” aparecem, de algum modo, na refinada análise que Daniel de Souza Leão faz dos painéis de Frans Post (1612-1680). A partir de uma

comparação iconográfica, o professor da UFPE sustenta que as duas formas de articular a topografia e as figuras humanas presentes nos tais painéis forjaram o repertório básico “por meio do qual se tornou cada vez mais visível, no decorrer dos anos de 1650, dois imaginários sobre a colônia”. Desse modo, as imagens emergem como fruto de uma estratégia visual por meio da qual se imbricam paisagem e identidade no Brasil holandês.

Já Marlen de Martinho se vale das composições visuais e literárias para envolver o leitor numa sensível e intrincada trama amorosa. Explorando as capacidades representacionais desses suportes, a professora da FURG confrontou as narrativas de sedução construídas sobre relação do pintor Juan Manuel Blanes com Carlota Ferreira, sem, entretanto, estabelecer hierarquias entre o visual e o escrito ou desvelar uma verdade oculta.

A produção e o deslocamento dos sentidos contidos nas imagens são explorados no artigo de Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior. O professor da UFRN propõe uma instigante reflexão iconológica da apropriação do mito de Orfeu e Eurídice no aparato visual de Reflektor, quarto álbum da banda Arcade Fire. Temas como o fantasma, o espelho e o reflexo são mobilizados pelo autor de modo a sustentar como o mito antigo é reelaborado na era das imagens.

Clóvis Gruner examina o cinema como dispositivo de análise dos sentidos de modernidade e modernização experienciados pelos curitibanos dos primeiros anos do século XX. O professor da UFPR argumenta que o cinematógrafo, símbolo de uma nascente cultura urbana, “exerceu um misto de fascínio, curiosidade e temor” e foi palco da emergência de um novo conjunto de sensibilidades.

Por fim, as pesquisadoras Marcília Rosa Periotto e Renata Franqui, da UEM, analisaram a revista Fon-Fon!, como importante instância produtora da subjetividade feminina na primeira metade do século XX. As autoras compreendem que o conjunto de imagens veiculadas na revista opera como uma pedagogia na educação das mulheres, “uma vez que são difundidas visões de mundo, modelos do feminino e ensinamentos maternos” impactando diretamente na formação subjetiva.

O conjunto de artigos que constituem este dossiê investigaram todo um sistema de ideias e imagens, todo o conjunto de sinais, símbolos, valores, codificações, desejos e verdades responsáveis pela construção social da realidade. O leitor encontrará um real traduzido por imagens, discursos e práticas sociais “que não somente qualificam o mundo como também orientam o olhar e a percepção sobre essa realidade” (PESAVENTO, 2008, p. 13).

Além do instigante dossiê, compõem a Revista, em sua perspectiva de um campo de diálogo interdisciplinar, os três artigos da demanda continua. O primeiro artigo discute uma temática muito importante na sociedade contemporânea: como organizar informações jurídicas. O artigo “Organização e acesso às informações jurídicas”, de autoria de Cláudio Marcondes de Castro Filho, Márcia Regina da Silva e Geovana Canevari Costa, aborda a temática das fontes de informação da área jurídica, apresentando as ferramentas que têm utilizado os bibliotecários para a organização e recuperação de informação de fontes no campo do Direito, contribuindo para a importante tarefa de gestão da documentação jurídica.

Kleicer Cardoso Rocha e Rosa Elisabete M. W. Martins, em seu artigo que analisa o percurso de educadores, principalmente da área de geografia, atuando no “Projeto Educação Comunitária Integrar”, projeto voltado para a EJA (Educação de Jovens e Adultos). O artigo enfatiza a importância de partir de conteúdos conectados com o cotidiano dos estudantes, levando-se em conta que muitos são trabalhadores, para que o processo ensino-aprendizagem seja significativo e tenha o caráter emancipatório que fundamenta os projetos de educação popular.

Lauro Roberto Lostada, no artigo “Ethos: a dominação masculina na formação do sujeito”, traz uma importante reflexão sobre a construção da masculinidade a partir das pesquisas de Pierre Bourdieu, buscando refletir sobre como se constituem e como podemos, a partir da crítica a esse modelo, constituir um modelo crítico de sociedade mais emancipatório.

Para concluir esta edição, temos a resenha de Daniela Queiroz Campos, do livro “L’image partagée: La photographie numérique”, de autoria de André Gunthert e que

## Editorial

Marcelo Róbson Téo, Marcelo Raupp, Fábio Francisco Feltrin de Souza  
Gláucia de Oliveira Assis, Mariléia Maria da Silva

reúne artigos que abordam as práticas visuais contemporâneas evidenciando que a fotografia numérica passa não por uma revolução, mas por uma evolução das práticas da fotografia. Dessa forma, o tema central do livro é a fluidez das imagens que, através dos dispositivos de comunicação, se tornam disponíveis para circular com mais facilidade e rapidez. O livro aborda os usos ordinários da imagem e da cultura visual.

Convidamos a todos a lerem e apreciarem essa Edição da Revista PerCursos ampliando as percepções sobre os usos das imagens no contemporâneo, bem como os demais artigos que compõem a Revista.

Marcelo Róbson Téo, Marcelo Raupp e Fábio Francisco Feltrin de Souza  
Organizadores do Dossiê

Gláucia de Oliveira Assis e Mariléia Maria da Silva  
Editoras-Chefe

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
**Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED**  
Revista PerCursos  
Volume 16 - Número 33 - Ano 2016  
revistapercursos@gmail.com